

Marina Cavalcante Vieira

Super-heróis e anonimato nas grandes cidades

O *blasé*, o homem da multidão e a dupla identidade nas histórias em quadrinhos

Resumo

O Batman é Bruce Wayne e o Super-Homem é Clark Kent ou seria o caso de Clark Kent ser o Super-Homem e Bruce Wayne ser o Batman? Este artigo analisa a questão da dupla identidade nas histórias em quadrinhos a partir de uma reflexão sociológica sobre cidades, modernidade e individualismo, utilizando as narrativas de super-heróis como expressões que traduzem conflitos vividos pelas mulheres e homens modernos. Trabalha-se a questão da dupla identidade a partir da teoria sociológica sobre individualismo e anonimato em Georg Simmel, e todas as discussões aqui travadas dizem respeito aos primeiros quadrinhos do Batman e Super-Homem, criados em finais da década de 1930.

História em quadrinhos

Individualismo

Dupla identidade

Abstract

The Batman is Bruce Wayne and the Superman is Clark Kent or would it be the case of Clark Kent being Superman and Bruce Wayne being Batman? This article analyzes the question of double identity in comic books from a sociological reflection on cities, modernity and individualism, using the narratives of superheroes as expressions that reflects conflicts experienced by modern women and men. The question of the double identity is worked out from the sociological theory on individualism and anonymity in Georg Simmel, and all the discussions here dealt with the first Batman and Superman comics created in the late 1930s.

Comic books

Individualism

Double Identity

INTRODUÇÃO

O presente artigo discute a superaventura como representativa e expressiva do individualismo moderno. Pretende-se analisar o surgimento do gênero superaventura à luz da discussão simmeliana sobre individualismo, demonstrando em que medida os personagens Batman e Super-Homem vivem os conflitos de sua época, dando ênfase às noções de liberdade, igualdade e anonimato nas grandes cidades¹. Convido o leitor a retornar à Modernidade a partir da imersão na discussão do surgimento do conceito moderno de individualismo, construindo pontes e interfaces com a década de 1930 e o gênero de superaventura nos quadrinhos.

Parte-se da discussão sobre o embate entre liberdade e igualdade no espaço urbano, tomando os super-heróis e a questão da identidade secreta como

1 As reflexões que se seguem foram retiradas de um capítulo da Dissertação de Mestrado, intitulada *Visões da Modernidade nas Histórias em Quadrinhos*, desenvolvida no quadro Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, que teve como objetivo analisar as representações das cidades do Batman e Super-Homem em seus contextos de criação.

expressão desse embate. Para Georg Simmel², valores como liberdade/igualdade e individualismo/anonimato seriam paradoxos modernos. A questão que este artigo tenta responder é como a identidade secreta ou dupla identidade dos super-heróis pode revelar a tensão entre esses valores. Mas antes de chegarmos à análise de como o Batman e o Super-Homem lidam com a questão da dupla identidade, discutiremos as noções de individualismo e principalmente a questão do antagonismo entre liberdade e igualdade em Georg Simmel.

No nível mais óbvio, a identidade secreta tem o caráter de resolver as implicações legais das ações dos super-heróis, uma vez que nem sempre o senso de justiça do personagem coincide com a justiça formal, assim como tem o papel de proteger suas vidas privadas para que não sofram atentados logo cedo em seu café da manhã, resguardando também os seus familiares e amigos próximos. Motivo pelo qual a maioria dos super-heróis abdica de sua vida amorosa.

Por outro lado, os super-heróis têm o papel de

2 Georg Simmel (1858-1918) foi um importante sociólogo alemão, que, embora considerado assistemático para a sua época, tem sido cada vez mais reconhecido como um clássico da Sociologia.

Ilustração 1: Capa da primeira publicação do Super-Homem, à esquerda, publicada em junho de 1938, na revista *Action Comics* n° 1. Capa da primeira aparição do Batman, em maio de 1939, na revista *Detective Comics* n° 27.



superar os complexos e realizar os desejos de seus leitores em serem mais que pessoas comuns, indivíduos oprimidos pelas estruturas sociais que vislumbram a possibilidade de serem super-humanos: homens e mulheres que se destacam. Segundo Marny (1988), a criação do Super-Homem foi antes de tudo uma tentativa de superar o complexo de seus próprios criadores, dois jovens franzinos de Cleveland que eram constantemente sovados por outros garotos.

Os super-heróis são salvadores de sua sociedade, protetores da ordem que atendem à pergunta “quem poderá nos defender?” – mesmo que esse bordão tenha sido criado em uma crítica latino-americana através do super-herói cômico e anti-herói Chapolin. Além de serem os que nos salvam de nossas mazelas sociais e urbanas, eles realizam o desejo dos homens comuns de identificarem-se com seu próprio salvador, na medida em que os super-heróis são homens comuns como o Clark Kent. Afirma-se, inclusive, que o sucesso da fórmula dos super-heróis é em muito devedora da dupla identidade, uma vez que aproxima o universo de seres superpoderosos à realidade do leitor comum.

O mito do super-herói, e mais particularmente o do Super-Homem, é o mito da classe-média americana em busca da autoafirmação, identificando-se com a possibilidade de usufruir de uma dupla identidade (CIRNE, 1971, p. 48).

Em um outro nível, à luz de Simmel, pode-se afirmar que a dupla identidade do super-herói é uma tentativa de superar o conflito moderno entre anonimato e distinção ou entre liberdade e igualdade. Uma fórmula para lidar com a sociedade moderna que ao mesmo tempo em que exige igualdade entre os homens tende a diferenciá-los. Veremos melhor o desenvolvimento dessa questão a partir de Simmel e da noção de incompatibilidade entre liberdade e igualdade. Será preciso retornar às concepções de liberdade e igualdade dos séculos XVIII e XIX para entender o conflito entre esses valores.

LIBERDADE E IGUALDADE: OU O PARADOXO MODERNO

Toda a teoria simmeliana pode ser compreendida como tendo uma de suas principais motivações a análise do conflito entre indivíduo e sociedade na Modernidade, tendo em vista as transformações impostas no modo de vida, ocorridas após a Revolução Industrial. As grandes cidades³, emblemas da Moder-

nidade, vão ser tomadas por Georg Simmel como o espaço em que essas transformações manifestam-se de forma mais contundente: através da economia monetária, da perda de laços tradicionais, do anonimato e do individualismo metropolitano.

Em seu célebre ensaio ‘A metrópole e a vida mental’, Simmel (1997) enfatiza o processo contraditório e ambíguo por que passa o homem citadino ao tentar conciliar pressões sociais e individuais, afirmando que um dos problemas mais graves da vida moderna seriam decorrentes da tentativa de conciliar essas forças. É na metrópole que se percebe de forma mais evidente o paradoxo do individualismo moderno, na medida em que o indivíduo tenta manter sua autonomia diante de uma estrutura que, ao mesmo tempo em que lhe dá liberdade, tende a massificá-lo. Dessa forma, Simmel percebe uma contradição entre as noções de liberdade e igualdade modernas.

As grandes cidades, como símbolos da Modernidade, representam o espaço onde a liberdade é mais facilmente exercida, em contrapartida com a pequena comunidade de laços tradicionais arraigados. O adágio medieval alemão “de que os ares da cidade libertam” já corroborava essa ideia. Veremos adiante as contradições entre liberdade e igualdade modernas, a partir de Simmel e de sua discussão sobre duas formas de individualismo, uma proveniente da mentalidade do século XVIII e a outra do século XIX.

Em ‘Questões fundamentais de Sociologia’ (2006), Simmel conceitua o individualismo do século XVIII como proveniente da noção de liberdade típica desse século, que concebia o homem enquanto ser universal. Utilizando o exemplo rousseauiano, o homem seria naturalmente bom, tendo a sociedade como a sua corruptora. Como consequência disso, a liberdade encontrar-se-ia na destruição das instituições sociais que oprimem o homem em seu estado de natureza. Sua ideia fundante é a de que, ao libertar os homens da opressão de instituições sociais, como o Estado e a Igreja, o homem em suas qualidades universais emergiria – um homem universal em seu estado de natureza e, desse modo, igual perante aos outros. Para realizar a igualdade bastaria a liberdade. Essa é uma noção de individualismo quantitativo na medida em que concebe o homem como universal e, portanto, igual. Subjaz aí uma noção de igualdade implícita ou diretamente consequente da noção de liberdade do século XVIII.

Da repressão que operava por meio de tais instituições, que perderam toda legitimidade essencial, surgiu o ideal da simples liberdade do indivíduo.

volução Industrial e do advento da Modernidade foi o crescimento urbano e o surgimento da metrópole moderna.

³ É importante lembrar que uma das consequências da Re-

Bastava que caíssem aquelas amarras que obrigavam as forças da personalidade a trilhar caminhos antinaturais para que todos os valores internos e externos, todas as capacidades previamente existentes até então refreadas política, religiosa e economicamente, se desenvolvessem e conduzissem a sociedade da irracionalidade histórica para a sociedade da racionalidade natural (SIMMEL, 2006, p. 92).

A noção de individualismo do século XVIII concebeu os homens como naturalmente iguais e livres, articulando liberdade e igualdade em uma síntese percebida por Simmel como violenta e antagonica. A ambiguidade e incompatibilidade dessa síntese vai ser melhor notada por meio das contradições que emergem da noção de individualismo do século XIX. Se a primeira forma de individualismo era quantitativa, a segunda é qualitativa, uma vez que concebe o indivíduo como único.

O individualismo do século XIX é fiel devedor das noções do século XVIII, no entanto ele é notadamente marcado pela divisão social do trabalho, que exigiu dos indivíduos especialização e diferenciação em suas funções. Essa nova forma de individualismo compreende o indivíduo como absolutamente único, distinto por sua especificidade. No século XIX, a tendência moderna à diferenciação atinge o seu ápice. Mas se o indivíduo desse século buscou a diferenciação, foi apenas por conta do desenvolvimento da noção quantitativa de individualismo do século anterior. Para Simmel, é a economia monetária que tem o caráter ambíguo de igualar e ao mesmo tempo diferenciar os indivíduos, na medida em que o dinheiro efetua trocas objetivas que desprezam valores qualitativos.

Em 'A filosofia do dinheiro' (*Philosophie des Geldes*, 1958), originalmente publicado em 1907, Simmel demonstra, aproximando-se em certa medida de Marx, como a troca por meio do dinheiro nivela e iguala tudo e todos. A economia monetária possibilitou o nivelamento e a emergência de uma lei universalizante. Logo, o dinheiro está presente no desenvolvimento das duas formas de individualismo, seja o quantitativo igualizador do século XVIII, seja o qualitativo diferenciador marcado pela divisão social do trabalho do século XIX.

Autores considerados clássicos da Sociologia, como Marx, Weber e Durkheim, já concebiam a Modernidade como caracterizada pela divisão social do trabalho. Para o primeiro, ela era fonte de alienação, para o segundo, especialização e racionalização, enquanto que para o último, seria fonte da solidariedade orgânica. Simmel, seguindo um diálogo mais

próximo com Weber⁴, propõe a cidade como *locus* do modo de vida racional, individualista e voltado para a economia monetária.

Quando conceitua o tipo metropolitano como racional e afligido pelas contraditórias forças que tendem a esmagá-lo pelo anonimato e ao mesmo tempo dar-lhe autonomia individual, Simmel está discutindo a impossibilidade ou contradição da fórmula moderna que atrelou liberdade e igualdade. O ideal do século XVIII, de um sujeito livre, totalmente responsável por si, mas sobretudo igual aos outros, é oposto à tendência do individualismo do século XIX e sua crescente diferenciação entre os indivíduos.

(...) a liberdade institucionalizada torna-se novamente ilusória por ação das relações pessoais; como em todas as relações de poder, a vantagem obtida faz mais fácil a conquista de outra vantagem – de que a “acumulação de capital” é apenas um exemplo isolado –, e assim a desigualdade do poder iria se tornar maior em progressão velocíssima, e a liberdade dos privilegiados iria se desenvolver à custa da liberdade dos oprimidos (SIMMEL, 2006, p. 93-94).

Simmel demonstra a antinomia entre liberdade e igualdade em sociedades com relações de poder. Uma vez que esses ideais tornam-se contraditórios conforme, por um lado, a sociedade moderna exige igualdade e, por outro, é extremamente diferenciadora.

O individualismo moderno pressupõe a incompatibilidade do individual. Não é apenas a concepção de um indivíduo livre como o do século XVIII, mas sim de indivíduos únicos, específicos e insubstituíveis que se diferenciam uns dos outros. O super-herói das histórias em quadrinhos segue essa tendência moderna à diferenciação.

No artigo 'O individualismo e os intelectuais', Durkheim (2007) discorre sobre como o individualismo seria uma espécie de religião da Modernidade, no sentido em que é um ideal compartilhado de forma geral. O individualismo, portanto, seria um aspecto da solidariedade orgânica que representa uma forma de integração social decorrente da forte diferenciação exigida pela divisão social do trabalho. Esse tipo de solidariedade é possível na medida em que o

⁴ Weber (1987), no texto Conceito e categorias de cidade, conceitua a cidade enquanto tipo-ideal, caracterizando-a por constituir mercado e possuir autonomia política. Para esse autor, a cidade moderna é o espaço da racionalização e da emergência de uma conduta racional voltada para fins que possibilitaram o desenvolvimento do capitalismo.

individualismo é um culto racional do indivíduo em geral, arraigado com a noção de homem universal do século XVIII.

(...) consequência de uma divisão do trabalho mais desenvolvida, cada espírito se encontra voltado em direção a um ponto diferente do horizonte, refletindo um aspecto diferente do mundo e, portanto, o conteúdo das consciências difere de um sujeito para outro. Encaminha-se assim, pouco a pouco, em direção de um estado, que é quase atingido desde já, e em que os membros de mesmo grupo social não terão mais nada em comum entre eles senão sua qualidade de homem, senão os atributos constitutivos da pessoa humana em geral (DURKHEIM, 2007, p. 306).

O conceito de individualismo em Simmel compreende o desenvolvimento do individualismo qualitativo diferenciador do século XIX como um processo que se deu através do individualismo do século XVIII. Portanto, a análise do individualismo de seu tempo, no próprio conceito simmeliano, compreende a contradição e o conflito na medida em que comporta a luta entre elementos quantitativos e qualitativos. Nesse autor, a tragédia da cultura representa o embate entre as dimensões quantitativas e qualitativas da vida moderna, notadamente marcada pelo atraso do sujeito em acompanhar a complexificação e objetificação do mundo.

Como se coloca o super-herói diante dos embates entre liberdade e igualdade ou entre um mundo que qualifica e diferencia os homens, ao mesmo tempo em que os quantifica e iguala? Os super-heróis são sujeitos que lidam de uma forma interessante com um mundo que comporta valores tão contraditórios. Por meio de sua dupla identidade, eles parecem ter mais facilidade em abraçar esses valores, já que podem se destacar de forma sobre-humana em suas identidades de supers e ao mesmo tempo manterem-se anônimos sob suas capas.

BRUCE BLASÉ E CLARK, O HOMEM DA MULTIDÃO

A identidade secreta do Super-Homem é Clark Kent, repórter de jornal, homem médio ou típico trabalhador da cidade grande. Quando esse herói não está vestido de Homem de Aço, disfarça-se de homem comum, pois Clark é apenas mais um homem igual a tantos outros que habitam a cidade imaginária de Metrópolis. Já o Batman é na verdade Bruce Wayne, um herdeiro milionário que se finge indiferente a

questões que seriam sensíveis ao nosso herói Batman, como uma forma de manter em segredo as suas atuações como o herói mascarado.

Como heróis, tanto o Batman quanto o Super-Homem são homens de destaque nas cidades em que atuam, experienciando a liberdade metropolitana e a máxima do individualismo diferenciador. Esses super-heróis destacam-se diante dos habitantes comuns de suas cidades. No entanto, esses personagens disfarçam-se exatamente em tipos metropolitanos comuns quando agem como Clark Kent ou como Bruce Wayne. Bruce Wayne não é exatamente um anônimo, já que é um rico herdeiro, mas tem atitudes que o aproximam bastante da *blasérie* ou indiferença tipicamente metropolitana, conceituada por Simmel como um tipo moderno comum.

É bastante conhecida a formulação de Simmel sobre o homem metropolitano como um tipo racional e indiferente, através da sua conceituação da atitude *blasé*. Para esse autor, o homem citadino tem uma atitude racional que interioriza o princípio nivelador da economia monetária. A atitude *blasé* é caracterizada pela reserva e pelo embotamento da capacidade de discriminar: coisas, pessoas e experiências são percebidas como indiferentes. Há uma indiferença para com tudo ao primeiro olhar. Levando em conta que a experiência na metrópole é composta por uma multiplicidade de estímulos, a atitude *blasé* é uma atitude de preservação, já que o homem metropolitano atingiria uma atividade psíquica inimaginável, caso estivesse aberto a todas as sugestionalidades que a cidade grande oferece.

Em contraponto com a cidade pequena, a vida psíquica na metrópole é permeada por muito mais estímulos, tendo em vista sua multiplicidade econômica e social. A atitude de reserva demonstra como a personalidade se adequa às estruturas sociais no ambiente urbano. É através de sua racionalidade que o homem citadino protege-se da imensa quantidade de estímulos a que se expõe, e é dessa forma que consegue preservar sua subjetividade⁵.

A cultura moderna é caracterizada pela preponderância do espírito objetivo sobre o espírito subjetivo, processo que tem fortes relações com a economia monetária. O dinheiro e seu caráter nivelador/objetivo permitiu a instituição de relações impessoais entre os homens, trazendo como consequência o alargamento das relações sociais e a ruptura com os laços comunitários tradicionais. Foi através da economia

⁵ Mais uma vez podemos ver o caráter ambíguo na teoria simmeliana: é por meio de um comportamento objetivo e racional que esse homem consegue preservar sua subjetividade.



Ilustração 2: Imagem retirada da revista *Action Comics* n° 1 republicada no livro *The Superman Chronicles Volume 1* (2005).

monetária que se atingiu a tão almejada liberdade da opressão e tirania da pequena comunidade e de suas instituições sociais tradicionais.

No entanto, a cultura moderna, ao mesmo tempo em que dá liberdade, também aprisiona ou no mínimo reduz o indivíduo, já que esse passa a ser visto pelas lentes da objetividade e impessoalidade, e logo é transformado em número, em massa, em um comum homem da multidão. E bem como conceitua Simmel, na multidão a proximidade física torna mais evidente a distância social e mental entre os homens.

Se os ares da cidade libertam, nesse mesmo espaço de liberdade o indivíduo corre o risco do anonimato e de ter seus aspectos qualitativos e suas particularidades reduzidas a número. Porém, esse é o ônus de uma liberdade moderna que se choca com o próprio princípio da igualdade e impessoalidade.

Diante dos tipos metropolitanos expostos a partir de Simmel, faz-se uma aproximação entre Bruce Wayne e o metropolitano de atitude *blasé*, e entre Clark Kent e o homem da multidão. Se Bruce Wayne disfarça-se de *playboy* entediado, desinteressado e centrado em si mesmo para escapar ileso de qualquer desconfiança de suas ações como Batman, Clark Kent, por sua vez, é o homem comum, típico homem da multidão, que não tem atrativos e não se destaca em nada que faz. Além de tudo, ele é covarde, motivo utilizado quando a sua capacidade para passar despercebido não dá certo e o nosso herói precisa rapidamente sair de cenas de perigo para retornar no quadro seguinte como o Homem de Aço.

Em sua primeira aparição pela revista *Action Comics* n° 1, de junho de 1938, Clark Kent consegue sair em um encontro romântico com Lois Lane, colega de trabalho por quem é apaixonado e que não lhe dava chances. No meio de uma dança, o casal é

atrapalhado por um homem que rudemente manda Clark Kent se afastar para que ele possa dançar com Lois Lane. Lois exige que Clark se imponha, o que ele não faz. No final, ele é afrontado pelo homem e por Lois Lane, que vai embora do salão dirigindo-lhe uma última fala: “Você me perguntou mais cedo esta noite porque eu te evitava. Eu te direi o porquê agora! Porque você é um fraco e insuportável covarde!” (ver ilustração 2).

(...) o Superman vive entre os homens sob as falsas vestes do jornalista Clark Kent; e, como tal, é um tipo aparentemente medroso, tímido, de medíocre inteligência, um pouco embaraçado, míope, súcubo da matriarcal e mui solícita colega Míriam Lane [Lois Lane], que, no entanto, o despreza e está loucamente enamorada do Superman. Narrativamente, a dupla identidade do Superman tem uma razão de ser, porque permite articular de modo bastante variado a narração das aventuras do nosso herói, os equívocos, os lances teatrais, um certo suspense próprio de romance policial. Mas, do ponto de vista mitopoiético, o achado chega mesmo a ser sábio: de fato, Clark Kent personaliza, de modo bastante típico, o leitor médio torturado por complexos e desprezados por seus semelhantes; através de um óbvio processo de identificação, um accountant qualquer de uma cidade norte-americana qualquer, nutre secretamente a esperança de que um dia, das vestes da sua atual personalidade, possa florir um super-homem capaz de resgatar anos de mediocridade (ECO, 2008, p. 247-248).

Como dito anteriormente, o gênero de super-heróis tem esse óbvio caráter de realização de frustrações sociais, sendo considerado por muitos como uma cartese realizada antes de tudo por seus autores, como afirma Sérgio Augusto (1971) com relação a Jerry

Siegel e Joe Shuster, criadores do Super-Homem.

Clark Kent é constantemente ridicularizado no trabalho também. Cito quadros iniciais da *Action Comics* n° 7 de dezembro de 1938. Um colega de trabalho ridiculariza nosso herói no escritório do jornal em que trabalham, apenas para provar aos outros o quão submisso Clark é. Ao final, ele afirma que qualquer outro cara teria lhe dado um soco, mas não Clark Kent, ele ainda agradece. Lois comenta que é irritante a maneira como Clark deixa o colega sair impune de suas brincadeiras (ver Ilustração 3).

Mais adiante, nessa mesma história de janeiro de 1939, ocorre a transformação de Clark Kent em Super-Homem “na intimidade de seu apartamento”, ou seja, no ambiente privado e longe de quaisquer testemunhas (ver Ilustração 4). O narrador conta: “Naquela noite... na privacidade do apartamento de Clark Kent, uma transformação miraculosa acontece! Sem óculos e roupas comuns... a tímida figura de Clark ergue-se... e em alguns instantes depois o retraído repórter é substituído pelo dinâmico Super-Homem!”

É interessante notar como a transformação tem um caráter íntimo, revelando a capacidade de o leitor identificar-se, ao menos na fantasia de sua intimidade, com a possibilidade de ser mais que um homem comum. Outra questão relevante nessa passagem é a associação entre o homem comum e a *street-clothes* ou roupas comuns, do dia a dia do trabalho. A multidão é uniforme inclusive em suas roupas. E o Super-Homem, como homem que se destaca, precisa vestir-se de forma diferente, seguindo sua própria moda, em uma roupa sem igual.

O empregado Clark Kent anda vestido como toda a gente, mas, quando se transforma em Superman, ao mesmo tempo que o corpo se modifica, veste a capa e o fato justo. Como é que o poderíamos imaginar vestido vulgarmente a fazer reinar a ordem em Metrópolis? (MARNY, 1988, p. 124).



Ilustração 3: Imagem retirada da revista *Action Comics* n° 7 republicada no livro *The Superman Chronicles* Volume 1 (2005).

Georg Simmel (1988) compreende na moda um aspecto da vida moderna em que é possível observar a ambiguidade entre a necessidade de diferenciação e adequação por que passa o indivíduo. Esse é um fenômeno ambíguo que ao mesmo tempo em que exige a adequação dos indivíduos às tendências da moda tem por princípio a diferenciação. Simmel já percebia em sua época uma aversão às massas e ao homem da multidão que segue uma moda homogeneizadora. A vestimenta que destaca passa a ser a expressão máxima do individualismo, do homem que se sobrepõe às massas. Dessa forma, enxergamos no super-herói um tipo individualista moderno, com sua vestimenta tão única quanto o seu portador. A máxima expressão do individualismo na moda é a

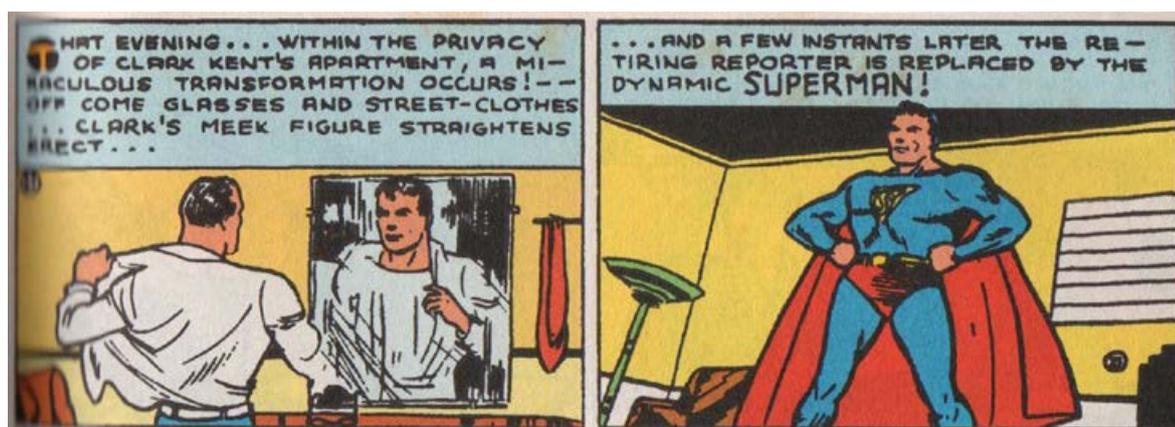


Ilustração 4: Imagem retirada da revista *Action Comics* n° 8 republicada no livro *The Superman Chronicles* Volume 1 (2005).

ideia do sujeito que faz a sua própria moda e que depois ainda consegue ditá-la aos outros. Simmel (1988) afirma então que esse tipo de indivíduo sente-se a marchar na cabeça da coletividade, no entanto ele se iguala a tantos outros em seu ímpeto de ser único, já que, como vimos em Durkheim (2007), o individualismo é a religião de nosso tempo.

Luis Felipe Baêta Neves (1971) conceitua a roupa dos super-heróis como vestimentas de caráter atemporal.

O aspecto exterior se caracteriza, então, por uma mistura de elementos de formas de vestir passadas com elementos “modernos” como o corte de cabelo e a barba raspada ou o aspecto aerodinâmico e algo atemporal do conjunto de roupas. Atemporal no sentido de que o uniforme é formado de elementos diversos oriundos de diferentes épocas e países não se podendo, portanto, dizer: o uniforme do SH a, b, c é cópia fiel da vestimenta de indivíduo que tenha vivido em um país determinado em uma dada época (NEVES, 1971, p. 71-72).

O Super-Homem então, com sua roupa atemporal e inusitada, parece ter lançado moda não apenas em super-habilidades, assim fundando um novo gênero, mas também determinando a forma de vestir dos outros supers, geralmente com uso de *collants* e capas, além do já citado caráter atemporal, evidenciando ainda mais a autonomia dos super-heróis com relação à sua historicidade pelo meio do uso de roupas que tentam romper com a moda instituída. O irônico, no entanto, é o fato de que, na tentativa de distinguirem-se uns dos outros, os indivíduos modernos assemelham-se em sua ânsia por distinção. Encontramos então o mesmo padrão na moda em geral e na moda mais específica que aqui analisamos: a vestimenta de super-herói. O Super-Homem fez escola!

Ao passo que exploramos a ideia do Clark Kent

como homem da multidão, o milionário Bruce Wayne, por sua vez, esconde-se na figura *blasé*. Esse tipo de comportamento é característico de Bruce desde a primeira história em quadrinhos do Batman (publicada na revista DC n° 27), como veremos a seguir. Bruce é amigo do comissário de polícia Gordon e já nos primeiros quadros dessa história finge desinteressar-se para poder se inteirar do caso de um assassinato (ver Ilustração 5).

Alguns quadros adiante, ele torna a fingir desinteresse apenas para poder se ausentar e ir resolver o caso. Ao final da história, quando os crimes foram resolvidos por ele mesmo vestido de Batman, nosso herói encontra-se novamente com o comissário Gordon, e não só se mostra desinteressado sobre as ações do Batman como ainda faz piadas ao ouvir que esse supostamente teria desaparecido nos céus. Comenta Bruce Wayne: “Que belo conto de fadas comissário.” Os três últimos quadros dessa história publicada pela *Detective Comics* n° 27 de 1939 trazem uma revelação: Wayne é o Batman! (ver Ilustração 6).

Utilizando o mesmo recurso que o Super-Homem, essa transformação de Wayne em Batman revela seu caráter íntimo, quando é apenas no seu quarto que Bruce triunfa como super-herói (ver Ilustração 5). O primeiro quadro demonstra o que o comissário pensa do Bruce Wayne: um bom rapaz de vida monótona e desinteressado por tudo. É através do narrador onipresente que surge a revelação: “Bruce Wayne volta para o seu quarto. Um pouco mais tarde sua porta se abre lentamente... e revela seu ocupante [eis que surge o Batman]. Se o comissário pudesse ver seu jovem amigo agora, ele ficaria surpreso em descobrir que este é... Batman!”

Na história publicada na revista *Detective Comics* n° 42, Bruce Wayne é tachado de entediado e inútil em uma festa da alta sociedade. Um casal aproxima-se e o homem pergunta ao herdeiro milionário como ele está e o que tem feito ultimamente, ao que ele responde: “Nada Jim, nada. O trabalho é muito vigoroso! Ele me entedia!” Bruce retira-se e o homem comenta que tudo o entedia, que se um dia algo o animar deveria ser declarado um feriado nacional. A mulher complementa: “Dizem que ele é provavelmente o colega mais preguiçoso e inútil entre nós” (ver Ilustração 7).

Vimos então como o super-herói atende às exigências da metrópole, seja enquanto superindivíduo, seja enquanto homem comum ou *blasé*. A transformação do homem médio oprimido (Clark Kent) ou do *blasé* aprisionado em sua racionalidade (Bruce Wayne) em super-heróis oferece uma tentativa de realização das frustrações de nossa época. Dessa forma, esses personagens conseguem reverberar na vida

Ilustração 5:
Imagem retirada
da revista
*Detective
Comics* n° 27
republicada no
livro *The Batman
Chronicles*
Volume 1 (2005).





Ilustração 6: Imagem retirada da revista *Detective Comics* n° 27 republicada no livro *The Batman Chronicles* Volume 1 (2005).

do homem moderno, na medida em que operam a transformação de tipos urbanos comuns em super-humanos, homens de destaque, já que de fato é difícil viver na cidade grande e não cair em alguns desses tipos (o homem da multidão ou o *blase*), quando não nos dois ao mesmo tempo.

Se a vida na cidade grande é bastante fragmentada e impessoal, a comunidade tradicional, por sua vez, tende a reconhecer o sujeito enquanto pessoa, mas em contrapartida tolhe sua liberdade individual. Trabalha-se aqui com as categorias pessoa e indivíduo enquanto noções sociológicas opostas: a primeira como típica de comunidades tradicionais e a segunda como marcante das relações modernas e impessoais. Vejamos, portanto, as diferenças que marcam o tratamento na metrópole moderna em comparação com comunidades tradicionais, como uma forma de responder à questão de se os super-heróis, como sujeitos urbanos, podem ser tratados através da categoria sociológica de *pessoa* ou *indivíduo*?

Rosane Prado (1997) define a cidade pequena como marcada pelas relações de proximidade social, trabalhando com a noção de pessoa em oposição à noção de *indivíduo*, uma vez que em comunidades de laços sociais arraigados sempre se é alguém localizado socialmente em contraposição à noção moderna e impessoal de *indivíduo*. Nesse sentido, os sujeitos são reconhecidos enquanto pessoa. Em sua análise sobre cidade pequena, mais especificamente a cidade de Cunha, do interior paulista, Rosane Prado percebe um paradoxo sobre a necessidade de liberdade que sentem os cunhenses. Ao mesmo tempo em que sentem vontade de ir à cidade grande

para fugir do controle de Cunha, vangloriam-se de sua cidade pequena “em que todos se conhecem”. A relação é paradoxal no ponto em que é a mesma solidariedade de pequena comunidade que lhes possibilita valorizar sua cidade e ao mesmo tempo quer escapar de seu controle.

(...) Cunha é acolhedora e nela as pessoas se sentem queridas e reconhecidas, por outro lado, ela também oprime, e nela as pessoas se sentem controladas e restringidas pelas regras e expectativas a cumprir e atender. São as delícias do tratamento personalizado, de ser reconhecido, considerado e estimado (e por isso os cunhenses adoram Cunha); e as agruras da falta de privacidade, de se sentir hipereposto, contido, coibido (e por isso os cunhenses detestam Cunha). São as delícias e agruras do controle social. Os sabores e dissabores da cidade pequena, regida pelas relações pessoais, o paraíso e inferno da personalidade (PRADO, 1997, p. 53).



Ilustração 7: Imagem retirada da revista *Detective Comics* n° 42 republicada no livro *The Batman Chronicles* Volume 2 (2006).

Enquanto a pessoa na cidade pequena encontra-se entre o reconhecimento de seu posicionamento social, favorecendo-se de ser sempre uma pessoa qualificada, em posição relativa a suas relações sociais, como filho ou irmão de fulano. Ao mesmo tempo essa proximidade lhe impõe um grande controle social e falta de liberdade. Vimos como o indivíduo metropolitano vive uma outra espécie de paradoxo que pendula entre o anonimato e a liberdade. De que maneira o super-herói pode representar uma superação destas contradições da vida moderna sem cair no paradoxo da cidade pequena?

O super-herói, por meio de sua identidade secreta, adquire um duplo caráter: é extremamente reconhecido, mas não se torna pessoa, pois mantém a sua privacidade intacta; ao passo que usufrui da liberdade do indivíduo, mas não se torna anônimo.

CONCLUSÃO

Se a capacidade de ser tratado como indivíduo liberta o sujeito da autarquia das comunidades tradicionais, esse tratamento é marcado pela impessoalidade niveladora que paradoxalmente destrói a liberdade, ao aprisionar o homem moderno e o tratar como número. Os super-heróis não correm esse risco, mantêm-se anônimos porque sua identidade secreta não é revelada, e ao mesmo tempo são super-humanos de destaque.

A insígnia de super-herói permite um relativo anonimato na medida em que não se sabe quem é a verdadeira pessoa por trás da capa de super-herói. Essa insígnia, no entanto, serve para elevar o super-herói e o tornar super diante de todos os homens. O super-herói tem um caráter ambíguo já que está entre ser pessoa e ser indivíduo, sem, entretanto, conseguir sê-lo de forma absoluta ou plena. O mesmo acontece com relação aos valores de liberdade e igualdade.

Dessa forma, o super-herói consegue atingir o máximo da liberdade metropolitana e o máximo do reconhecimento em sua sociedade sem ter que cair na autarquia das relações sociais comunitárias, conseguindo ser uma das mais altas expressões do individualismo moderno. Não que vestir *collant* e capa seja uma saída factível para os homens e mulheres reais quando se encontram diante do paradoxo entre liberdade e igualdade. Mas a ficção de super-heróis parece, mesmo que ingenuamente, captar estas tensões e apontar saídas dentro do seu quadro narrativo.

A questão da presença da técnica nessas histórias também possibilita pensar como esses quadrinhos tentam resolver outros conflitos modernos, como os conceituados por Max Weber (2004) como *desen-*

cantamento do mundo e tragédia da cultura em Georg Simmel (1998). Essa questão é bastante evidente quando pensamos no Super-Homem e a na representação do domínio ou superação da técnica pelo homem: esse super-herói levanta pontes, é mais rápido que trens, conserta represas etc. Em suma, ele supera qualquer tecnologia de sua época. O Batman tem outra relação com a técnica, é a partir dela que ele adquire superpoderes.

Os conceitos de *tragédia da cultura e desencantamento do mundo* representam mais um dos paradoxos da Modernidade, ao passo em que revelam os limites e mesmo aprisionamentos da racionalidade técnica. Tanto Weber quanto Simmel assinalam o caráter ambíguo do processo de racionalização, revelando assim o paradoxo da cultura moderna, na medida em que a noção de racionalização não nos leva necessariamente ao progresso. Para Weber, o desencantamento do mundo é resultado da crescente racionalização e predomínio do exercício da conduta racional com relação a fins. A racionalização, o abandono da magia e o desencantamento do mundo não levam o indivíduo moderno a um maior domínio do seu mundo, muito pelo contrário. Isso é apontado em Simmel a partir da noção de tragédia da cultura e do alijamento do homem moderno diante da complexificação do mundo. A objetificação e especialização técnica e a dificuldade do homem moderno em acompanhá-la realizam mais um dos paradoxos da Modernidade. O homem, de criador do aparato tecnológico, passa a criatura, conforme assiste a uma autonomização dessa esfera e a sua incapacidade de acompanhar em totalidade a sua objetificação. Os meios passam a fins em si mesmos, como demonstra Weber com o processo de burocratização. O homem passa então a ser mais uma engrenagem no mundo.

Seria preciso ser super-herói? Somente um sobre-homem conseguiria sobreviver à Modernidade? Seguindo essa linha de pensamento, gostaria de apontar que os super-heróis aqui estudados parecem resolver ou no mínimo querer resolver esse paradoxo moderno, no ponto em que eles lidam com a técnica e ao mesmo tempo apreendem o mundo em sua totalidade. O Super-Homem atinge o domínio da técnica por meio de sua ação totalizante, enquanto o Batman somente é capaz de atingir a totalidade da ação por meio da técnica. Embora de formas inversas, os dois supers conseguem a superação desse paradoxo como proposto por Simmel e Weber, revelando uma totalidade da ação e capacidade subjetiva de acompanhar a autonomização e objetificação da vida, superando a tragédia simmeliana da cultura e simplificando a complexidade da vida moderna. Nesse ponto, a metáfora da gaiola de ferro weberiana é bastante ilustra-

tiva, já que ela representa o aprisionamento do homem pela razão. A razão e a técnica são produtos do homem que tendem a aprisioná-lo, o enjaulamento do criador pela criatura.

Partindo da noção de ficção e fantasia como criações que traduzem e por vezes questionam as aspirações e anseios de sua época, utilizo os conceitos de tragédia da cultura e desencantamento do mundo, invertendo-os em uma alegoria: os super-heróis seriam uma espécie de encantamento do mundo ou comédia da cultura, já que representam a necessidade do homem massificado de superar suas frustrações por meio da ficção e da fantasia.

BIBLIOGRAFIA

- AUGUSTO, Sérgio. “É um pássaro? É um avião? É Super-Homem? Não, é Deus”. **Revista de cultura: O mundo dos super-heróis**. Vozes. Ano 65, n. 4, 1971.
- CIRNE, Moacy. “Ideologia e desmistificação dos super-heróis”. **Revista de cultura: O mundo dos super-heróis**. Vozes. Ano 65, n. 4, 1971.
- DURKHEIM, Emile. “O individualismo e os intelectuais”. In: **Revista de Direito do Cesusc**. Nº2 Jan/Jun. 2007.
- ECO, Umberto. “O mito do Superman”. In: Eco, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. São Paulo: Perspectiva, 2008.
- FINGER, Bill, KANE, Bob e ROBINSON, Jerry. **The Batman Chronicles Volume 1**. New York: DC Comics, 2005.
- MARNY, Jacques. **Sociologia das histórias aos quadrinhos**. Barcelos: Companhia Editora do Minho, 1988.
- NEVES, L. F. Baêta. “Dialética da origem e a ideologia da permanência dos SH”. **Revista de cultura: O mundo dos super-heróis**. Vozes. Ano 65, n. 4, 1971.
- PRADO, Rosane Manhães. “Cidade pequena: pa-raíso e inferno da pessoalidade”. **Cadernos de Antropologia e Imagem** (UERJ), Rio de Janeiro RJ, n. 4, p. 31-54, 1997.
- SIEGEL, Jerry e SHUSTER, Joe. **The Superman Chronicles Volume 1**. New York: DC Comics, 2006.
- SIMMEL, Georg. “A metrópole e a vida mental”. In: FORTUNA, Carlos. **Cidade, cultura e globalização: ensaios de Sociologia**. Oeiras, Celta, 1997.
- _____. “O dinheiro na cultura moderna”. In: Jessé Souza e Berthold Öelze (Orgs.). **Simmel e a Modernidade**. Brasília: UNB, 1998.
- _____. La Moda. In: **Sobre la aventura**. Barcelona: Península, 1988.
- _____. **Questões fundamentais de Sociologia: indivíduo e sociedade**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.
- _____. **Philosophie des Geldes**. Berlin: Duncker & Humblot Verlag, 1958.
- SINGER, Ben. “Modernidade, hiperestímulo e o início do sensacionalismo popular”. In: Charney, Leo e Schwartz, R. **O cinema e a invenção da vida moderna**. São Paulo: Cossac & Naify, 2001.
- VIANA, Nildo. **Heróis e super-heróis no mundo dos quadrinhos**. Rio de Janeiro: Achiamé, 2005.
- VIEIRA, Marina Cavalcante. **Visões da Modernidade nas histórias em quadrinhos: Gotham e Metrópolis em finais de 1930**. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro: PPCIS/ UERJ.
- _____. Urban Images in Comic Books: Representation of Metropolis and Gotham in the late 1930s. **The International Journal of the Image**, v. 1, p. 45-56, 2011.
- WEBER, Max. **A ética protestante e o “espírito” do capitalismo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.
- _____. “Conceito e categorias de cidade”. In: VELHO, Otávio G. (org.). **O fenômeno urbano**. Ed. Guanabara, Rio de Janeiro, 1987. ■